

CARAMBAIA

Crônica 7

INTRODUÇÃO 9

KODAKS DA VIDA 19

Gente às janelas 19

Tabuletas 24

O último burro 29

Inquérito precioso 34

O RIO CIVILIZA-SE 37

A vida do Rio – O prefeito 37

A cidade [estreia] 41

A cidade [iluminação
no passeio público] 43

A cidade [Igreja e Estado] 45

A cidade [maternidade] 47

A decadência dos *chopps* 48

A praia maravilhosa 53

A POBRE GENTE 57

Na favela – Trecho
inédito do Rio 57

Visões d'ópio. Os *chins* do Rio 62

As mariposas do luxo 69

Os livres acampamentos
da miséria 75

FRÍVOLA CITY 81

O reverso 81

O chá e as visitas 86

Um caso comum 91

A cura nova 95

As opiniões de um
moço bonito 101

Ser *snob* 106

AMORES E NEVROSES 109

Impotência 109

Ódio (páginas de um diário) 120

Dentro da noite 129

O amor de João 136

A moléstia do ciúme 141

A honestidade de Etelvina,
amante... 145

HISTÓRIAS DO MOMENTO 157

O Brasil lê 157

No mundo dos feitiços –
Os feiticeiros 161

Os satanistas 169

Os *sports* – O *foot-ball* 176

O barracão das rinhas 180

Sensações de guerra 185

Folhetim 191

INTRODUÇÃO 193

A PROFISSÃO DE

JACQUES PEDREIRA 201

1. Recepção íntima 201

2. Um jovem
contemporâneo 212

3. Exercício preliminar 224

4. Primeiro, o amor... 236

5. O incidente fatal 248

6. O mais feliz dos três 261

7. Diversões úteis 273

8. Uma grande festa 286

9. Episódio teatral 303

10. *Sports* 316

11. Desastres 323

12. Epílogo dos desastres 335

13. Após a tremenda
tempestade 343

MEMÓRIAS DE JOÃO CÂNDIDO, O MARINHEIRO 353

1. Do Paraguai à Europa 353

2. Algumas viagens –
A esquadra de Evans 355

3. Caminho da Europa –
A volta 358

4. “O sonho da liberdade” 361

5. O dia do levante falha
três vezes 363

6. Os primeiros atos do
comandante da esquadra
revoltosa 364

7. Como se fez a anistia 366

8. A revolta do batalhão naval
[7 a 14 de dezembro] 370

9. A revolta do batalhão naval
[12 a 25 de dezembro] 372

10. Ainda a Ilha das Cobras 375

11. No Hospício Nacional 377

Teatro 381

INTRODUÇÃO 383

AS QUATRO FASES DO CASAMENTO 389

Lua nova 390

Crescente 397

Plenilúnio 403

Minguante 413

EVA – A PROPÓSITO DE UMA MENINA ORIGINAL 425

Ato primeiro – O salão às onze
horas da manhã 429

Ato segundo – O salão à noite 457

Ato terceiro – O salão na manhã
seguinte até meio-dia 486

QUE PENA SER SÓ LADRÃO 513

ENTREVISTAS

O Teatro Nacional – Enquete 535

A Eva de João do Rio 539

Crônica

Crônicas não foram feitas para durar. Elas são textos breves, por natureza efêmeras, escritas geralmente de um dia para outro, com um lastro na realidade do noticiário e outro na ficção, em doses bastante variáveis dessa combinação.

Publicar uma seleção de crônicas de jornal cerca de um século depois de elas terem nascido é, portanto, um aparente contrasenso. Mas, quando João do Rio escrevia uma crônica, sabia estar criando algo mais que um texto perecível. Fosse para descrever uma partida de futebol – o estreante *foot-ball* –, discutir as reformas na cidade, relatar uma recepção da alta roda carioca ou visitar um presídio.

Ele mesmo afirmou isso num texto deixado no meio de seus arquivos, encontrado por sua mãe, Florência Barreto, e publicado dois anos depois da sua morte no jornal *A Pátria*: “Se a minha ação no jornalismo brasileiro pode ser notada é apenas porque desde o meu primeiro artigo assinado João do Rio eu nunca separei jornalismo de literatura, e procurei sempre fazer do jornalismo grande arte”.

Um texto híbrido de ficção e reportagem, de invenção e realidade, tornou-se a marca distintiva da produção de João do Rio, assim como dos tantos outros pseudônimos usados por Paulo Barreto ao longo

de sua carreira. E tudo isso era uma novidade para a imprensa do início do século.

João do Rio foi repórter numa época em que redator de jornal pouco saía do gabinete de trabalho. Ele percorreu os subterrâneos da cidade para entrevistar o povo numa época em que não se dava voz à pobre gente. Ele usou sua pena para denunciar as más condições de vida da gente humilde, mas também para descrever os ambientes requintados, os hábitos importados e luxos variados dos ricos. Ele subiu o morro para desvendar ao leitor o que era uma favela numa época em que “Favela” ainda era nome próprio. Ele flanou pela Avenida Central e frequentou os teatros, reuniões, chás e eventos mundanos – e até acabou gostando disso.

João do Rio percorreu o mundo, foi amado e odiado. Fez rir, fez chorar, colecionou admiradores e desafetos. Ele levou a reportagem para a crônica, e o estilo literário, a criação de diálogos, o humor, a ironia, para a reportagem. Renovou o modo de fazer jornalismo e ajudou a fundar a crônica moderna – presente ainda hoje nos principais jornais brasileiros.

Por tudo isso, achamos que vale a empreitada de exumar os textos desse escritor-jornalista das coleções de jornais envelhecidos e apresentá-los ao leitor do século XXI.

VIDA VERTIGINOSA

João do Rio foi objeto de duas principais biografias. A primeira delas data de 1978, escrita por Raimundo Magalhães Júnior, autor de uma série de retratos de escritores do século XIX e início do XX. Depois dele, o jornalista João Carlos Rodrigues fez uma extensa pesquisa sobre a vida e obra do autor que resultou na biografia publicada em 1996 e atualizada em 2010.¹ Os dados biográficos aqui presentes têm como fonte esses estudos, além de levantamentos pessoais.

1 Raimundo Magalhães Júnior, *A vida vertiginosa de João do Rio*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978; João Carlos Rodrigues, *João do Rio, uma biografia*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1996, e *João do Rio, vida paixão e obra*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

O cronista que circulou com a mesma naturalidade entre a alta sociedade e a gente humilde das ruas tem a própria história vinculada a grupos sociais de universos bem distintos. Sua mãe, de origem humilde, nasceu de uma relação não oficial entre um médico-cirurgião famoso e uma mulata quase negra analfabeta. O pai vinha de família ilustre do Sul do país, que tinha barão, visconde e até ministro. Era professor no prestigioso colégio Pedro II e fervoroso defensor do positivismo de Auguste Comte. Estava terminando sua tese sobre logaritmos quando João Paulo Alberto Coelho Barreto nasceu, em 8 de agosto de 1881.

A estreia do jovem Paulo Barreto no jornalismo se deu pelo *Cidade do Rio*, diário dirigido por José do Patrocínio. O abolicionista teria dado o emprego ao jovem, de menos de 18 anos e sem experiência, como um gesto de retribuição à família – ele mesmo conseguiu o primeiro emprego graças ao avô de João do Rio.

No jornal de Patrocínio, o estreante publicaria uma série de críticas de teatro, arte e literatura, sob pseudônimos, como Claude, ou assinando apenas com suas iniciais. O primeiro texto fora desse registro – e a sair assinado como Paulo Barreto – foi *Impotência*, um conto publicado em 1899, e, no ano seguinte, *Ódio* – ambos reproduzidos nesta coletânea.

Nesses primeiros textos, já se vislumbram vários temas que apareceriam ao longo de toda a sua obra, sobretudo ficcional. Os amores e as nevroses, as taras inconfessáveis, a homossexualidade, o apuro estético do dândi, que fazem com que alguns críticos relacionem sua produção, sobretudo ficcional, à literatura decadentista, *fin de siècle*, em voga na Europa. Certamente ele foi um leitor de Charles Baudelaire, de Gabriele D’Annunzio, ou de Oscar Wilde, para tomar apenas exemplos citados com frequência em suas crônicas. De Wilde, aliás, ele foi um dos principais difusores no Brasil, responsável pela tradução de peças, ensaios e, sobretudo, de sua obra mais conhecida, *O retrato de Dorian Gray*.

Em 1903, Paulo Barreto entrou na *Gazeta de Notícias*, onde passaria a maior parte de sua carreira. Representante da imprensa moderna, o jornal reproduzia as tendências internacionais, destinando mais espaço à literatura e à crônica e menos aos textos opinativos. Foi nas páginas desse jornal inovador que nasceu o pseudônimo com o qual ficaria mais conhecido, João do Rio.

PARIS DOS TRÓPICOS

Sua chegada à *Gazeta* coincide com o início da maior reforma já realizada no Rio de Janeiro. Uma verdadeira “cirurgia urbana”, nas palavras do jornalista, que logo se tornou um dos arautos dessas transformações. E também um de seus críticos mais ferozes.

Pouco mais de uma década depois da proclamação da República, o Rio de Janeiro vivia uma verdadeira explosão demográfica. Tinha passado de menos de 230 mil habitantes em 1872 para mais de 500 mil. Todo esse crescimento gerou uma grave crise habitacional e a ocupação desordenada do centro da cidade, no qual a população se acumulava em cortiços e alojamentos precários, em ruelas estreitas e insalubres, onde doenças como febre amarela, malária, varíola e gripe espanhola se disseminavam com facilidade. A ponto de, no início de 1900, navios estrangeiros começarem a evitar atracar nos portos do Rio.

As obras duraram mais de dez anos e baseavam-se em três eixos: o saneamento do centro da cidade, a modernização do porto e o redesenho de ruas e avenidas. A ideia era transformar a capital da República em uma cidade moderna, civilizada e, também, higiênica.

O novo desenho da cidade inspirava-se nas reformas realizadas décadas antes em Paris, quando surgiram os grandes bulevares. No Rio, a ideia era alargar as antigas vielas e becos do centro e rasgar novas vias de circulação para receber os bondes elétricos e automóveis. O grande símbolo desse novo urbanismo seria a abertura da Avenida Central (hoje Rio Branco), uma grande artéria que cruzava o centro da cidade de mar a mar.

A Avenida Central resumia o espírito do que a capital queria ser: uma “vitrine da civilização”, na expressão do historiador Jeffrey D. Needell. A via recebeu postes de iluminação elétrica e foi bordada por palacetes com fachadas em estilo *art-nouveau* que abrigavam lojas chiques, hotéis, restaurantes e confeitarias que logo se tornariam ponto de encontro da alta sociedade. A “gente de cima”, como dizia o cronista.

As obras tinham um mote, que era repetido por toda a imprensa: “O Rio civiliza-se”. Para o cronista, a cidade vivia um “esforço despedaçante de ser Paris”.

João do Rio, o pseudônimo, nasce nesse contexto. Ele estreia numa série de artigos que têm como título “A vida do Rio” e são destinados, justamente, a identificar personagens dessa cidade em transformação. O primeiro, de 3 de maio de 1903, é uma entrevista – ou “um *interview*”, como anuncia, utilizando o termo no masculino e no idioma no qual o gênero jornalístico surgira, havia pouco tempo, na imprensa norte-americana – com um “amigo íntimo” do prefeito do Rio, Pereira Passos, descrevendo-o. Nas semanas seguintes, a série abordaria outras figuras da cidade, como a Irmã Paula ou um ministro.

Logo essa série dá origem a uma coluna fixa, diária, com o título “A Cidade”, em que o autor – agora assinando como “X.” – aborda as mudanças que ocorriam no Rio de Janeiro; muitas vezes enaltecendo o progresso (como quando fala da instalação da iluminação no Passeio Público, da construção de calçadas), mas outras tantas sendo bastante crítico e irônico, impiedoso sobretudo com o atraso das obras.

João do Rio soube, como poucos, captar o momento de transformação da cidade e mostrá-lo sob seus vários ângulos. Nem governo nem imprensa acompanhavam, por exemplo, o que estava acontecendo com o grande contingente de pessoas que perderam suas casas no centro. As obras exigiram a demolição de mais de 590 imóveis populares do centro antigo – sem oferecer habitação alternativa para os moradores. Foi o chamado “bota-abaixo”.

Enquanto suas habitações eram botadas abaixo, as pessoas se instalavam onde podiam. Foi o início da ocupação dos morros vazios próximos ao centro, nas hoje chamadas favelas.

POCILGAS INDESCRITÍVEIS

Ainda no primeiro mês na *Gazeta*, João do Rio tomou uma atitude que seria a marca principal de seu trabalho: resolveu subir o morro para ver de perto como viviam essas pessoas e conversar com elas. Nascia, assim, na imprensa brasileira, a figura do repórter moderno.

– Se tens coragem, vai lá acima. Eu fico. Muito cuidadinho com a pele. Adeus!

Com essa fala, atribuída a um “prudente cavalheiro” que guiou o escriba até a entrada do morro, inicia-se a crônica *Na Favela – trecho inédito do Rio*, estampada na primeira página da *Gazeta* no dia 21 de maio de 1903. Segue-se uma minuciosa descrição do que o repórter encontra ao subir o mal-afamado Morro da Providência. Ele mostra como são feitas as casas – “são baiucas, são pocilgas, são indescritíveis” –, quem são as pessoas que moram – ou antes “se acumulam” – ali, espanta-se com o fato de que se cobre aluguel para viver naquelas “casas lôbregas”.

O visitante sobe ao píncaro do morro e explica por que o lugar é chamado de Favela, em referência à região, em Canudos, de onde vieram as pessoas que se abrigaram ali, depois de terminada a guerra – “os mais ousados facínoras”, explica.

Ao final da crônica, assombrado com o que vira, o autor demonstra certo alívio ao considerar que, pelo fato de revelar, no principal jornal do país, o que encontrou ao subir o morro, “o ilustre Prefeito naturalmente providenciará para mandar demolir essas vergonhas”.

O texto não está assinado. Mas a data, os temas e, sobretudo, o estilo inconfundível, com a técnica de criar cenas com diálogos e personagens, mesclando recursos narrativos aos jornalísticos, além da citação a fontes francesas logo no início do texto, não deixam dúvidas de que se trata de uma crônica de João do Rio.

A suspeita é reforçada ao ler outra crônica, esta assinada, que ele publicaria cinco anos depois: *Livres acampamentos da miséria*, na qual ele repete a façanha e sobe outro morro, o Santo Antônio. O texto é montado no mesmo estilo, com um personagem que também funciona como uma espécie de guia do repórter ao local, e traz até comentários similares.

Era uma nova forma de fazer jornalismo. Ao longo do tempo, ele levou seus leitores – já fiéis – aos meandros e subterrâneos da cidade, suas vielas e círculos do vício, apresentando um Rio de Janeiro sobre o qual ninguém falava. Tudo isso pontuado por uma boa dose de humor e ironia – que se tornaria uma das características da crônica, quando ela se define como um gênero. Outro detalhe de suas empreitadas que chamaria atenção dos contemporâneos: ele reproduz os diálogos exatamente como as pessoas falam. Como resultado, seus leitores tinham acesso a um texto sem

o rebuscamento tradicional da imprensa da época, que refletia o português das ruas.

A SOCIEDADE DO *FIVE O’CLOCK*

Em suas andanças – ou *flâneries*, como ele, que não se furtava a usar expressões em outros idiomas, definia –, João do Rio pôde verificar que, findas as reformas, muita coisa mudara na capital federal. Ele, que buscava ver “com os olhos de olhar a evolução do viver urbano”, detectou outro fenômeno, o da “sociedade que nasceu com a inauguração da Avenida Central e vive como espelho de Paris”.

A elite burguesa que se desenvolvia no país aparentemente só estava esperando a “vitrine da civilização” ficar pronta para assumir novos hábitos, como a moda das viagens à Europa, o costume de receber amigos para um chá às cinco da tarde – o *five o’clock* –, ir a récitas no Municipal, deslocar-se em automóveis.

Inspirado por esse espírito de modernização, o jornalista assume, em 1907, uma nova coluna na *Gazeta*, com o título “Cinematographo” – em homenagem à invenção que acabara de aportar na Avenida. Nova coluna, novo pseudônimo. É como Joe que ele apresenta esse “período curioso de nossa vida social, o da transformação atual dos usos, costumes e ideias”.

Perto de 1910, João do Rio vive o ápice de sua carreira. Publica em vários jornais e revistas, é um fenômeno de vendas nas livrarias, editando coletâneas das crônicas publicadas na imprensa. Conquistou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e se revela também um dramaturgo de sucesso.² Faz longas viagens à Europa e ao Oriente Médio, manda reportagens e entrevistas de lá, e é sempre recebido por uma multidão à sua espera no porto, a cada retorno.

Em 1915, ele troca a *Gazeta de Notícias* – da qual se tornara diretor de redação em 1911 – pelo *O Paiz*, o outro grande jornal da época, cuja sede ficava na Avenida Central. Ali, inaugura a coluna “Pall-Mall-Rio”, na qual assina como José Antônio José. É sua entrada definitiva na *high-life* dos círculos burgueses. E o João do Rio obser-

² Sobre sua produção teatral, mais detalhes no texto de introdução à seção Teatro, p. 383.

vador da miséria e porta-voz da pobre gente cede espaço ao cronista mundano, colunista social dessa nova gente elegante, requintada e *raffinée*, frequentadora dos salões dourados e do Jockey Club.

O próprio Paulo Barreto reflete essa transição. O notívago frequentador dos *bas-fonds* cariocas assume cada vez mais seu lado mundano, *habitué* das altas rodas.

Contemporâneos descrevem sua presença no *trottoir-roulant* da Avenida – expressão cunhada por ele –, desfilando seu figurino peculiar: cartola, fraque verde (combinando com a bengala), monóculo e charuto. Ele encarnava perfeitamente o modelo do dândi tropical. Esteta, excêntrico, intelectual. E cada vez mais *snob*.

Entretanto, embora circulasse à vontade pela “frívola city” que, segundo ele, se tornara o Rio de Janeiro, isso não significa que ele fosse totalmente aceito pelas madames e *demoiselles*, políticos ou ricos industriais e empresários com quem convivia. Se, por um lado, ele era recebido e até adulado por essas damas e cavalheiros elegantes – já que era de bom tom estar a par de assuntos ligados a artes e literatura –, por outro, todos sabiam que sua figura era estranha àquele mundo. Mulato, obeso e homossexual, ele era alvo de constantes ataques, seja nas colunas de jornais concorrentes, ou até em confrontos físicos – inúmeras vezes foi agredido por desafetos. Somam-se ao rol de inimigos todos aqueles que não gostavam de ver seu nome ou a insinuação de sua identidade em um personagem das crônicas. Ou políticos, artistas e escritores atacados diretamente nas críticas.

Paulo Barreto morreu subitamente em junho de 1921, poucos meses antes de completar 40 anos, de um ataque do coração, dentro de um táxi, saindo do jornal. O velório, aberto ao público, durou quatro dias. O corpo do escritor estava vestido com o fardão da Academia Brasileira de Letras. Passaram por lá ex-presidentes, ministros, senadores, deputados. Mas também damas da sociedade, estivadores, pescadores, atores, vendedores, *cocottes* das pensões, literatos, vagabundos, miseráveis, garçons de cafés.

Quando finalmente o caixão saiu rumo ao cemitério, um cortejo espontâneo começou a se formar. Dezenas, centenas, milhares de pessoas se uniram à coluna fúnebre. Uma fila de carros seguia, com

táxis levando as pessoas gratuitamente. Parte do comércio fechou suas portas, decretando feriado. No dia seguinte, os jornais estampavam a foto impressionante, em que se calculava a presença de 100 mil pessoas em seu enterro. Na época, o Rio de Janeiro contava com 900 mil habitantes.

“EXPLICAÇÃO FINAL E DESNECESSÁRIA, COMO TODAS AS EXPLICAÇÕES”

Aproveitando a expressão usada por João do Rio no epílogo de um de seus livros, seguem informações sobre a organização deste volume.

Mais da metade das crônicas reunidas nesta edição é inédita em livro. São textos que saíram apenas nos jornais e revistas na época em que João do Rio colaborava para eles e permaneceram os últimos cem anos esquecidos nos acervos de diversas bibliotecas. Mas o volume não se limitou apenas a esse material, para que fossem incluídos também textos que o próprio autor considerou importante editar nos 25 livros que publicou em vida. Nesses casos, foram cotejadas as versões originais com aquelas eventualmente retrabalhadas para os livros, considerando as correções, quando existiam.

A ortografia e a pontuação foram atualizadas, e evidentes erros tipográficos, corrigidos. Buscou-se manter, em itálico, os estrangeirismos adotados pelo autor, mesmo nas palavras que foram mais tarde absorvidas pelo português. As crônicas estão divididas em blocos temáticos, que levam, como título, expressões usadas pelo próprio cronista. Dentro de cada bloco, a ordem dos textos é cronológica.

GRAZIELLA BETING é jornalista e editora, fez mestrado e doutorado na Universidade de Paris 2, na França, sobre o surgimento do folhetim e da crônica. Entre outros autores, estudou a obra de João do Rio.

GENTE ÀS JANELAS

No carro que lentamente nos levava pelas ruas da cidade, o estrangeiro, verdadeiramente espantado e admirado com a maravilha urbana, a Beira-Mar, a Central, as grandes construções, a atividade febril das ruas comerciais, o porto, o cais, e mesmo o Pão de Açúcar, voltou-se e disse-me de repente:

- Depois, vê-se bem que é uma cidade como nenhuma outra.
- Ah! sim, tem a característica pessoal.
- É, espera sempre a passagem do préstito.
- Que préstito?
- Não sei; mas deve ser um préstito ou uma procissão.
- Ora esta! por quê?
- Porque está toda a gente sempre à janela e às portas, dando conta do que se passa na rua...

Olhei o estrangeiro desconfiado da sua ironia. Se eu fosse inglês, não compreenderia que se falasse com ironia da minha terra. Se fosse japonês, também não. Mas sou latino-americano, descendente de portugueses e brasileiros, o que quer dizer que tenho quatro motivos para pensar sempre que fazem troça de uma suposta

inferioridade do meu país, porque reúno a sensibilidade americana e latina, a maior portuguesa e ainda a maior brasileira...

Mas o estrangeiro era, como se diz na nossa língua, um *gentleman*, ou um perfeito homem, e eu vi apenas que, tendo visto muito bem, ele desejava explicações.

– Ah! sim, notou este nosso defeito?

– Defeito! – fez ele. Mas então não esperam nada?

– Meu caro, não esperam, isto é, esperam e não esperam. É uma história comprida. Quer que lha conte?

– Ia pedir-lhe...

Acendi o charuto, recalquei o patriotismo, e como certos santos que, com a confissão de males graves, pensam ganhar o parceiro, falei:

– Realmente, V. observou muito bem. Temos vários costumes originais. Esse é um. Estamos sempre à janela, apesar de não esperarmos o préstito.

– Não esperam?

– Não, nem mesmo quando ele vem. Somos bastante despreocupados para tal. E a janela é talvez um símbolo dessa despreocupação, dessa *rêverie*, e desse mau costume.

O estrangeiro olhou-me com cara de quem não compreendia. Nem eu, quanto mais ele! Apenas eu era orador e diplomata, demonstrando que, tal o Dr. Campista, tanto poderia fazer folhetins na Câmara como salvar a pátria na Suécia. Quando não se sabe o que dizer, amontoam-se substantivos, alguns em línguas estrangeiras. Faz sempre efeito...

– *Rêverie*? Mau costume? – repetiu o homem sucumbido.

– Sim. O carioca vive à janela. Você tem razão. Não é uma certa classe; são todas as classes. Já em tempos tive vontade de escrever um livro notável sobre o “lugar da janela na civilização carioca”, e então passei a cidade com a preocupação da janela. É de assustar. Há um bairro elegante, o único em que há menos gente às janelas. Mesmo assim, em trinta por cento das casas nas ruas mais caras, mais cheias de *villas* em amplos parques, haverá desde manhã cedo gente às janelas. Na mediania burguesa desse mesmo bairro: casas de comerciantes, de empregados públicos, de militares, vive-se à janela. Nos outros bairros, em qualquer, é o mesmo, ou antes, é pior. Pela manhã, ao acordar, o dono da casa, a senhora, os filhos, os

criados, os agregados só têm uma vontade: a janela. Para quê? Nem eles mesmo sabem. Passar de *bond* pelas ruas da Cidade Nova desde as sete horas da manhã é ter a certeza de ver uma dupla galeria de caras estremunhadas, homens em mangas de camisa ou pijama, crianças, senhoras. Os homens leem o jornal. As mulheres olham a rua; os meninos espiam, cospem para baixo, soltam papagaios. Passe você às nove horas. A animação é maior. Passe ao meio-dia. Parece que vem vindo não um simples batalhão, mas logo a primeira brigada do nosso ardente Adolpho. Passe às três da tarde, às sete da noite, às nove, às dez, está tudo sempre cheio. Durante muito tempo preocupei-me. Qual o motivo dessa doença tão mal vista no e pelo estrangeiro? Que faz tanta gente debruçada na Rua Bonjardim, como na Rua General Polydoro ou no Canal do Mangue? Até hoje ignoro a causa secreta. Mas vi ser à janela que o Rio vive.

À janela brincam as crianças, à janela compram-se coisas, à janela espera-se o namorado, à janela namora-se, salta-se, ama-se, come-se, veste-se, e dá-se conta da vida alheia, e não se faz nada. Catão vivia para dar na vista dentro de uma casa de vidro. A influência positivista foi tão grande entre nós que muito antes de Raymundo Mendes e Miguel Lemos, já a cidade vivia às claras e para outrem à janela. Daí a razão por que sabem uns das vidas dos outros. Os que saem são vistos. Os que estão em casa também. Bem oitenta por cento feminino passam a maior parte do seu tempo olhando a rua, da janela. E os homens, logo que estão em casa, atiram-se à janela. Olhe V., sempre pensei que cocheiros e carroceiros gostassem pouco de estar de janela. É um engano. Passe V. à noite pelas proximidades de companhias de carroças e veja nas casas assobradadas de alugar cômodos quanta gente espera o préstito...

– Curioso, fez o estrangeiro. Sabe que a princípio fiquei um pouco atrapalhado?

– Pensou que estava em Marselha...

– É...

– Ah! essas também. Mas agora, para não confundir, quase sempre vêm para a rua.

– Teria vontade de perguntar a uma dessas pessoas o que a interessa tanto.

– Nada. Não saberia dizer. Tenho uma vizinha, que positivamente acabou irritando-me.

A mulher estava sempre à janela. Ia eu tomar a barca de Petrópolis pela manhã, e a mulherzinha à janela. Vinha pela madrugada de um desses *clubs* de jogo onde a gente se aborrece, e a mulherzinha à janela. Voltava à casa, em horas de atividade, e ela, fatal, parada à janela. Um dia não me contive: indaguei a razão desse gosto excessivo. E ela, aflita: “Então eu sou janelreira? Verdade! Não reparei. Mas também que se há de fazer?”.

– Janelreira?

– É um termo essencialmente nosso, que significa, adulterando a antiga e insolente significação, uma pessoa que gosta de estar à janela.

– Afinal, como tudo na vida é convenção...

– Não há dúvida, para uma pessoa de fora esse nosso hábito presta-se a subentendidos mais ou menos fortes.

– Pois não é?

– É. Pode-se glosar de várias maneiras. V. ainda há bem pouco achou que era um povo que esperava um préstimo ou a procissão.

– Oh! sem querer, sem intenção.

– Outros perversos podem dizer que espera outra coisa. Entretanto, caro observador, é apenas uma gente que espera sem maldade a vida dos outros. Quer exemplos?

– Com prazer.

– Olhe aquela casa assobradada. Três jovens à janela, um gato, um petiz, o cachorro. Passa um *bond*. Elas cumprimentam. O petiz salta a correr. Aposto que o pequeno diz: “Mamãe, passou aí o namorada de Cota”.

“É mentira”, diz Cota, “quem passou foi D. Mariquinhas”.

“Por sinal, que ia com o Dr. Alípio”, acrescenta a mais velha.

“Menina, falando assim de uma senhora casada...” Não acabará a censora porque a que ficou à janela fez um gesto nervoso para dentro: “Venham ver, depressa, depressa... Quem passa?...”.

– Sei lá, fez o estrangeiro.

– Você diria: é o rei que vai à caça. Pois não, senhor. É uma senhora que elas nunca viram, de quem ignoram o nome, mas que examinam com o ar do Augusto Rosa na *Santa Inquisição*.

– Francamente...

– Conheço o meu povo. Está vendo aquela moça paramentada, numa janela, enquanto a velha em outra parece à espera de alguém

para mandar ao armazém? É a que se mostra, a que vem à janela para ser vista, a romântica. Há grande variedade no gênero, até a da literata: menina que abre o volume quando passa o *bond*.

– Com efeito.

– Espere, um par na casa pegado. Estão sós à janela. Aqueles, tendo que optar entre serem vistos pela gente de casa e vistos pelos transeuntes, escolheram os últimos. Beijam-se, apertam-se. Olhe que as janelas poderiam contar coisas.

– Como se perde tempo.

– Só? Nesse caso, por exemplo, perde-se talvez mais...

– Mas ali tem uma senhora idosa, atentamente olhando. Já não vê; já nada no mundo a pode interessar. Está ali por estar, porque vendo muita gente é que melhor se isola uma pessoa. Olha, não vê, e está à janela, sempre à janela, porque a janela é a escápula do lar sem dele sair, é o conduto da rua sem os seus perigos, é o óculo de alcance para a vida alheia, é a facilidade, a economia, o namoro, o amor, o relaxamento, o fundamental relaxamento... Afinal também um pouco de sonho, de ideal latente. Somos engraçados. A janela é a abertura para o imprevisto. Vivemos na abertura. E, no fundo, quer saber?

– Claro.

– No fundo é mesmo o que pensava você.

– Como?

– Há tanta gente à janela, porque, realmente, sem o saber, um instinto vago lhes diz que vem aí o préstimo ou a procissão. Apenas não sabem qual é o préstimo. Não saber, e ficar, e não ver, e continuar, é o que se chama esperança. Nós somos o povo mais cheio de esperança da terra – porque vivemos à janela.

E, depois de assim desculpar e filosofar, reclinei-me no carro, não sem uma certa raiva de uma janela em que dez pessoas olhavam para nós como para bichos ferozes...

Publicada originalmente no jornal *A Notícia*, em 18 de junho de 1910. Uma crônica com tema parecido tinha saído na coluna “Cinematographo”, na *Gazeta de Notícias*, em 7 de novembro de 1909, e uma última versão foi incluída na coletânea *Os dias passam...* (Porto, Lello & Irmãos, 1912).

TABULETAS

Foi um poeta que considerou as tabuletas – os brasões da rua. As tabuletas não eram para a sua visão apurada um encanto, uma fa-
ceirice, que a necessidade e o reclamo incrustaram na via pública; eram os escudos de uma complicada heráldica urbana, do armorial da democracia e do agudo arrivismo dos séculos. Desde que um homem realiza a sua obra – a terminação de uma epopeia ou a abertura de uma casa comercial – imediatamente o homem bati-
za-a. No começo da vida, por instinto, guiado pelos deuses, a sua ideia foi logo a tabuleta. Quem inventou a tabuleta? Ninguém sabe.

É o mesmo que perguntar quem ensinou a criança a gritar quando tem fome. Já no Oriente elas existiam, já em Atenas, já em Roma, simples, modestas, mas sempre reclamistas. Depois, como era de prever, evoluíram: evoluíram de acordo com a evolução do homem, e hoje, que se fazem concursos de tabuletas e há tabuletas compostas por artistas célebres, hoje, na época em que o reclamo domina o asfalto, as tabuletas são como reflexos de almas, são todo um tratado de psicologia urbana. Que desejamos todos nós? Aparecer, vender, ganhar.

A doença tomou proporções tremendas, cresceu, alastrou-se, infeccionou todos os meios, como um poder corrosivo e fatal. Os próprios doentes também a exploram numa fúria convulsiva de contaminação. Reparai nos jornais e nas revistas. Andam repletos de fotgravuras e de nomes – nomes e caras, muitos nomes e muitas caras! A geração faz por conta própria a sua identificação antropométrica para o futuro. Mas o curioso é ver como a publicação desses nomes é pedida, é implorada nas salas das redações. Todos os pretextos são plausíveis, desde a festa a que se não foi até a moléstia inconveniente de que foi operada com feliz êxito a esposa. O interessante é observar como se almeja um retrato nas folhas, desde as escuras alamedas do jardim do crime até as *garden-parties* de caridade, desde os criminosos às almas angélicas que só pensam no bem. Aparecer! Aparecer!

E na rua, que se vê? O senhor do mundo, o reclamo. Em cada praça onde demoramos os nossos passos, nas janelas do alto dos telhados, em mudos jogos de luz, os cinematógrafos e as lanternas

mágicas gritam através do *écran*¹ de um pano qualquer o reclamo de melhor alfaiate, do melhor livreiro, do melhor revólver. Basta levantar a cabeça. As tabuletas contam a nossa vida. E nessa babel de apelos à atenção, ressaltam, chocam, vivem estranhamente os reclamos, extravagantes, as tabuletas disparatadas. Quantas haverá no Rio? Mil, duas mil, que nos fazem rir. Vai um homem num *bond* e vê, de repente, encimando duas portas em grossas letras estas palavras: Armazém Teoria.

Teoria de que, senhor Deus? Há um outro tão bizarro quanto este: Casa Tamoio, Grande Armazém de Líquidos Comestíveis e Miudezas. Como saber que líquidos serão esses comestíveis, de que a falta de uma vírgula fez um assombro? Faltou a esse pintor o esmero da padaria do mesmo nome que fez a sua tabuleta em letras de antigo missal para mostrar como se esmera, ou talvez o descaro deste outro: o maduro cura infalivelmente todas as moléstias nervosas...

Mas as tabuletas extravagantes são as do pequeno comércio, sem a influência de Paris, a importação direta e caixeiros elegantes de lenço no punho: as vendas, esta criação nacional, os botequins baratos, os açougues, os bazares, as hospedarias... Na Rua do Catete há uma venda que se intitula O Leão na Gruta. Por quê? Que tem a batata com o leão que nem ao menos é conhecido de Daniel? Defronte dessa venda há, entretanto, um café que é apenas Café de Ambos Mundos. E se não vos bastar um café tão completo, aí temos um mais modesto, na Rua da Saúde o Café B.T.Q. E sabem que vem a ser o B.T.Q., segundo o proprietário? Botequim pelas iniciais! Essa nevrose das abreviações não atacou felizmente o dono da casa de pasto da Rua de São Cristóvão, que encheu a parede com as seguintes palavras: Restaurante dos Dois Irmãos Unidos Por...

Unidos por... Pelo quê? Pelo amor, pelo ódio, pela vitória? Não! Unidos Portugueses. Apenas faltou a parede e ficou só o por – para atestar que havia boa vontade. A questão, às vezes, é de haver muita coisa na parede. Assim é que uma casa da Rua do Senhor dos Passos tem este anúncio: Depósito de aves de penas. É pouco? Um outro assegura: Depósito de galinhas, ovos e outras aves de penas – o que é, evidentemente, muito mais. Tal excesso chega a prejudicar,

1 Tela. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO]